

*NOITES DE VIGÍLIA: UM ROMANCE CONTEMPORÂNEO*  
ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA ANGOLANA

Dr. DERNEVAL ANDRADE FERREIRA  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IF-BAIANO)  
Salvador, Bahia, Brasil  
derneval.f@hotmail.com

Dr. ADELINO PEREIRA DOS SANTOS  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Salvador, Bahia, Brasil  
adesantos@uneb.br

RESUMO: O romance *Noites de vigília*, do escritor angolano Boaventura Cardoso, apresenta uma narrativa que é marcada por uma construção nutrida tanto pela estética literária quanto pelo processo histórico no qual está inserida. O romance apresenta uma estética plural e suas abordagens principais desdobram-se em tantas outras, permitindo assim negociações de sentido e verdadeiros jogos de polissemia. Foi a partir dessas concepções de análise textual e literária que se articulou este ensaio, que tem como objetivo discutir a problemática do discurso colonialista e anticolonialista como ferramentas necessárias para se compreender melhor a construção libertacionária e autônoma de aspectos relacionados à sociedade angolana na sua formação nacional.

Palavras-chave: *Noites de vigília*. Boaventura Cardoso. Literatura angolana. Discurso anticolonialista.

Artigo recebido em: 20 fev. 2019.  
Aceito em: 18 abr. 2019.

## NOITES DE VIGÍLIA: A CONTEMPORARY NOVEL BETWEEN LITERATURE AND ANGOLAN HISTORY

**ABSTRACT:** The novel *Noites de vigília*, by the Angolan writer Boaventura Cardoso, presents a narrative that is marked by a construction nourished by both the literary aesthetics and the historical process in which it is inserted. The novel presents a pluralistic aesthetic and its main approaches unfold in so many others, thus allowing negotiations of meaning in a game of polysemy. It was from these conceptions of textual and literary analysis that this essay was articulated, whose objective is to discuss the problematic of colonialist and anticolonialist discourse as necessary tools to better understand the libertarian and autonomous construction of aspects related to Angolan society in its national formation.

**Keywords:** *Noites de vigília*. Boaventura Cardoso. Angolan literature. Anticolonialist discourse.

### PRIMEIRAS PALAVRAS: O TEMPO DA NARRATIVA E A ATUALIDADE DO ROMANCE

Há uma considerável distância entre a publicação do romance *Noites de vigília* (2012), de Boaventura Cardoso, e o tempo de sua narrativa. No entanto, como construção de uma arte literária que apresenta um caráter militante, social e político, a narrativa de *Noites de vigília* supera o lapso temporal e inscreve-se como texto literário que problematiza temáticas relevantes no tecido social e político angolano da contemporaneidade. Essa narrativa é marcada por uma construção nutrida tanto pela estética literária quanto pelo processo histórico no qual está inserida. Assim, o romance de Boaventura Cardoso apresenta uma estética plural e suas abordagens principais desdobram-se em tantas outras, permitindo assim negociações de sentido e verdadeiros jogos de polissemia. Foi a partir dessas concepções de análise textual e literária que se pensou em articular este ensaio, tendo como objetivo discutir a problemática do discurso colonialista e anticolonialista como ferramentas necessárias para se compreender melhor a construção libertacionária e autônoma de aspectos relacionados à sociedade angolana na sua formação nacional.

FERREIRA, Derneval Andrade; SANTOS, Adelino Pereira dos. *Noites de vigília*: um romance contemporâneo entre a literatura e a história angolana. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 144-159.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

Segundo Agualusa (2013, p. 103), “a literatura deve ser um lugar, um espaço, um território de debate, um território de pensamento, um território de ideia.” Portanto, a narrativa em discussão constitui-se em instrumentos capazes de produzir sentidos, levando em consideração os contextos históricos e sociais nos quais ela foi produzida. Assim, temas relacionados a fatores históricos, sociais, políticos e estéticos serão configurados por meio de uma leitura plural, que agrega conceitos e valores de áreas muitas vezes distintas, mas que instigam à problematização.

Tal perspectiva de análise do romance proporciona a criação de outros olhares e de outras concepções, que às vezes até desinstitucionaliza discursos oficiais, refuta ideias, ao mesmo tempo em que amplia os limites discursivos para que outros discursos possam ser instituídos. Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada como seção de capítulo da tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos de um dos autores deste trabalho, defendida em 2016.

#### NOITES DE VIGÍLIA: OLHOS NO PASSADO E DISCUSSÕES NO PRESENTE

Diversas narrativas relacionadas às literaturas africanas de língua portuguesa, principalmente pós-1980, os chamados tempos distópicos, tentaram abordar temáticas que se dedicavam em revisitar e repensar os antigos sonhos libertários. A narrativa *Noites de vigília*, de Boaventura Cardoso, apresenta trama e condições históricas e culturais favoráveis a esse cenário alcançado pela ficcionalização carregada de memória e de historicidade.

Cenários, falas, depoimentos, tensões, renúncias, é por meio desses e de tantos outros recursos permitidos pela linguagem literária que partes e momentos decisivos da história de Angola são narrados nas 270 páginas de *Noites de vigília*, tanto por narradores, que se alternam em momentos da história, quanto por personagens sistêmicos, mas que deixam escapar por diversas vezes a sensação de transgressões, contraditoriedade e distopia. A concentração das discussões na narrativa de e sobre Angola e de sua história política, assim como de autores que se empenharam em narrar aspectos da nação, permitem entender que a literatura é um dos recursos usados por literatos e historiadores como um meio capaz de contribuir para o descortinamento da sociedade, da história e da vida cultural de um povo, contribuindo para que novos olhares possam ser (re)construídos e para que o curso da história possa ser revisitado e/ou ressignificado. O texto literário consegue ainda estabilizar e desestabilizar tanto paisagens geográficas quanto paisagens sociais, culturais e humanas, muitas, inclusive, como no caso de

Angola, marcadas por catástrofes provocadas pelas guerras, cujas cenas traumáticas deixaram fendas ainda não totalmente cicatrizadas na memória histórica, social e cultural desse país e de seus habitantes.

Nesse sentido, a narrativa de Boaventura Cardoso parece insurgir como uma voz capaz de reavaliar não só o passado como também o presente, frente aos embates políticos, aos impostos silenciamentos, aos conflitos políticos e às heranças do próprio colonialismo. A narrativa *Noites de vigília* apresenta-se não apenas como um enfático e somático texto do acervo de seu autor, mas, sobretudo, como uma espécie de instância de reflexão e de questionamento da cultura e da história de Angola.

Ao criar uma narrativa que traz à tona fatos políticos e sociais da história de uma Angola pós-independência, Boaventura Cardoso em sua narrativa, por meio de narradores e personagens, confronta a história com outras histórias, criando assim um cenário que abriga leitores, textos, perspectivas e contextos no ato de leitura. A estrutura narrativa do romance ganha, enfaticamente, articulações entre presente e passado, conduzindo, assim, o leitor a uma releitura dos fatos e a uma imersão nos acontecimentos como se as velhas estruturas do passado ainda ressoassem em tempos presentes, porque, conforme afirma Meneses (2000, p. 15) “para confrontar a história é necessário apreciá-la, teorizá-la a partir de novas perspectivas, transformando o passado num passado presente”.

As tramas, os acontecimentos e os fatos narrados por Quinito e Saiundo, ao longo da narrativa, demonstram que o romance ultrapassa os limites arquivistas da história de Angola e se instaura como um elemento de motivação responsável pelo possível trânsito entre presente e passado. Além disso, cronologicamente, a narrativa apresenta-se como um elemento temporal instável, uma espécie de vai e vem.

Ao mesmo tempo em que aborda aspectos colonialistas, denunciando-os, também é possível observar referências ao período de transição do colonialismo para o pós-independência, mas a concentração temporal da narrativa descreve o longo período de guerra civil pós-independência. Nessas transmutações periódicas, indefinidas temporalmente, é que a história e a cultura de Angola são contadas por episódios que ajudam o leitor a entender a desconstrução da ideia de história linear. O tempo da narrativa é por volta de 2003, momento de reencontro entre Quinito e Saiundo, ex-mutilados da guerra, no Mercado Roque Santeiro. No entanto, por meio da memória, esses personagens a todo momento retornam ao passado e revivem o período de guerra, vivenciados por eles e por tantos outros que foram mutilados nos conflitos e nos confrontos ocorridos ao longo dos anos subsequentes à independência de Angola.

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente são fundamentais para o entendimento dos fatos históricos e sociais de povos que também carregam historicidade. A esse respeito, Le Goff (1996) ressalta:

[...] sabemos que o passado depende parcialmente do presente. Toda história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (LE GOFF, 1996, p. 51)

A obra *Noites de vigília* apresenta feições de um autor preocupado em apresentar elementos que ajudam o leitor a reconstruir, mesmo que parcialmente, frações de um período delicado, complexo e exaurido da história política de Angola em anos pós-independência. As páginas iniciais da narrativa são marcadas pelo reencontro de Quinito e Saiundo, momento importante para o desenrolar de todas as ações futuras, isso porque as histórias, os diálogos, as reminiscências começam a dar vida à trama que é marcada por sonhos, encantos, desilusões, contradições, encontros e desencontros dos árduos períodos pós-independência.

Os diversos depoimentos de Quinito e Saiundo sobre um país marcado por guerras e lutas em busca da paz em Angola são expressivos para que se entenda como o texto literário é capaz de relacionar elementos culturais, políticos e sociais com a arte estética e ultrapassa os limites da ficcionalização para conseguir dizer muito do local de suas produções. Essa ideia remete a um dos períodos demarcados por Manuel Ferreira na obra *O discurso no percurso africano I* (1989) e discutido por Fonseca (2008, p. 19) sobre os momentos que abrigam as manifestações literárias africanas de língua portuguesa. Segundo a pesquisadora brasileira, o quarto período demarcado por Ferreira constitui a fase histórica da independência nacional. A autora afirma ainda que

diferentes vertentes literárias integradas aos movimentos de libertação nacional delineiam, ao mesmo tempo, feições próprias a cada país. Desse modo, se há uma forte tendência, na fase pré-independência, à produção literária empenhada, tal da resistência ao sistema colonial, do fortalecimento de projetos de nação e, também, do desenvolvimento de particularidades específicas à literatura. (FONSECA, 2008, p. 19)

É nesse aspecto que a relação entre passado e presente incide. Abordando temáticas de um período não muito distante, *Noites de vigília*

consegue se firmar como uma narrativa contemporânea que possibilita múltiplas vertentes de leituras, a fim de que o passado fracionado possa se reconstruir, por meio da memória, com diferentes feições, ajudando inclusive a compreender melhor o presente. Em linhas gerais, assemelha-se ao que Ferreira (1987) propôs chamar de “momentos essenciais da evolução das literaturas africanas”, um momento assinalado por dinamismos, flexibilidades e tendências que versam discursos mais críticos e próximos da realidade.

Assim, Quinito e Saiundo adquirem uma missão de reviver os longos anos de guerra civil. Os discursos e as memórias são revolvidos em exaustivas narrações que ocorrem numa mesa de bar do Mercado Roque Santeiro, espaço importante para encenar a diversidade cultural dos angolanos e para estabelecer circuitos entre os fatos do passado e a atual situação vivenciada, principalmente por angolanos que tiveram suas trajetórias de vida marcadas pelas forças colonialistas. Sentir-se dentro do seu lugar e reviver momentos atormentados pela guerra civil era o estado em que se encontrava Quinito, um dos mutilados da guerra e deslocado socialmente, mas que consegue reacender vozes inquietantes que foram necessárias na reconstrução histórica de seu país.

Na esteira dessas discussões, é importante pontuar as considerações de Benjamin (1994, p. 229) que, ao propor algumas reflexões e problematizar o conceito de história, afirma que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Mesmo no âmbito da ficção, os acontecimentos narrados em *Noites de vigília* tomam tais feições, principalmente pelo fato do objeto construído, esboçado e arquitetado pelo autor ganhar uma dimensão plural, diversificada e, ao mesmo tempo, fragmentada. Assim, as discussões sobre as ações colonialistas, o posicionamento anticolonialista, denúncias, transgressões, delineamentos e lutas transmigram e perpassam por um plano descritivo a cada tomada de consciência e a cada releitura que se realiza, sem falar que, ao longo da narrativa, os fatos narrados, os personagens e os artifícios do próprio autor se imbricam em expressões, na busca de um discurso marcado por acontecimentos do passado, mas com fortes conotações do presente, fomentando uma escrita que beira à denúncia, aos aspectos políticos e sociais de forma mais incisiva.

Assim, ao quebrar o princípio da linearidade textual, Boaventura Cardoso transforma as peripécias narradas por Quinito numa história que navega pelas águas do presente e do passado. Ao mesmo tempo em que o personagem revive acontecimentos do período de proclamação da independência de Angola, também pontua reflexões importantes sobre os duros anos pós-independência, marcados pela guerra civil angolana. Essas histórias e os acontecimentos se imbricam e exigem do leitor uma atuação

mais cuidadosa e reflexiva ao ato de leitura, a fim de estabelecer com mais eficiência os possíveis *links* entre passado e presente. Observe-se como as passagens abaixo são ilustrativas para tais considerações:

Tentavam transpor o rio, mas como era época de chuvas e na região havia muitos pântanos, os blindados inimigos estavam constantemente a enterrar-se, segundo informações que nos chegavam através da nossa contrainteligência.

- E isso quando foi?

- Eh pá, talvez no segundo semestre de oitenta e nove.

- Operação “Independência”!... Só podia ser Operação “Independência” que nós realizámos em saudação ao décimo quarto aniversário do Onze de Novembro! Por essa altura eu já não estava no activo, já tinha perdido a minha perna. (CARDOSO, 2012, p. 17)

O vinte e cinco de Abril nos trouxe muita alegria, pois significou a liberdade dos tucas, por um lado, e, por outro, o fim do colonialismo português em África. Era chegada a hora de nós mesmos provarmos se o fruto era doce ou amargo. Se diz, no chão pisado de andanças, que se se quer saber se a água está quente ou fria, não tem senão a gente lhe aguar. Pois é, não é então qual a pureza da água, mô kota. (CARDOSO, 2012, p. 24)

As descrições dos episódios – lutas libertacionárias, as aviltantes ações durante a guerra civil angolana, as utopias de um país recém-liberto e as distopias pós-dura realidade – possibilitam agregações cujas funções e aspectos tomam feições políticas no interior da obra. Imagina-se, portanto, que *Noites de vigília* não traga apenas à luz relações dramáticas de um país assolado por longos e problemáticos processos políticos, mas, sobretudo, que essas marcas indelévels à sociedade angolana possam acentuar-se como um coro de vozes desafiantes, articuladas por objetivos que versem sobre uma literatura de combate, de consciência política e de um projeto intervencionista no que tange à futura formação cidadã dos angolanos.

Existe um movimento interno na obra fortemente articulado com uma dada percepção do mundo que permite conduzi-la para discursos que abordam ideologias anticolonialistas, muitas vezes contraditórias, complementares, mas também dialéticas, que, por meio de certas considerações, nem tão conclusivas, contribuem com fortes traços identitários, conduzindo à ideia de constituição e participação coletiva e cidadã.

## UMA TRAMA PARA (RE)CONSTITUIÇÃO DE UM DISCURSO POLÍTICO

FERREIRA, Derneval Andrade; SANTOS, Adelino Pereira dos. *Noites de vigília: um romance contemporâneo entre a literatura e a história angolana*. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 144-159.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

A narrativa de *Noites de vigília* configura-se como uma obra literária de cunho político-ideológico, capaz de promover mudanças, concepções, modo de vida em leitores. Além disso, permite também enxergar a história angolana do pós-independência por ângulos que talvez poucos autores tiveram a destemida consciência de pôr em cena, como foram postas tão bem nas vozes de Quinito e Saiundo, como Boaventura o fez. Nesse aspecto, a obra lembra muito a concepção de leitura e cidadania proposta por Silviano Santiago. Em seu artigo “Leitor e cidadania”, ele afirma que:

o romance é, por um lado, parente recalcitrante, tanto dos partidos políticos institucionalizados quanto de partidos que venham a existir. E por outro lado, ele é primo do jornal. Com uma diferença: neste, narram-se cotidianamente os acontecimentos reais, enquanto nele a imaginação do escritor é que os trabalha, reinventando-os pela estilização artística ou criando-os pelas traições da memória. (SANTIAGO, 2004, p. 167)

As discussões apresentadas abrem espaços para provocações sobre as relações entre ficção literária e a política, pelo viés do “leitor cidadão” (SANTIAGO, 2004, p. 167). Será que os registros, os episódios, as marcas narradas em *Noites de vigília*, que ora se imbricam, ora divergem, despertam um espírito libertador no leitor cidadão? Os mecanismos referenciados à guerra, as encenações, os gestos, as vozes, as expressões que se mobilizam no interior do romance se constituem em elementos perenes salutares de uma produção literária cujas veias políticas necessitam de evidências? Ou simplesmente a narrativa abre espaço para mais uma dramática denúncia, estando mais favorável à comoção e à sensibilização a partir das trágicas descrições? As inquietações sempre serão necessárias, por se entender que o espaço angolano deve ser analisado a partir do reconhecimento epistêmico.

Além disso, falar sobre Angola e sua formação sócio-histórica e cultural significa, dentre outros objetivos, questionar e desafiar a história oficial e produzir textos que enfatizam aspectos políticos, sociais e culturais, sem perder sua essência estética. Acredita-se, nesse sentido, que a narrativa *Noites de vigília* tenha condições de explorar diversos trânsitos sujeitos a questionamentos, provações e, inclusive, dúvidas, fatores tão essenciais para o delineamento de novos olhares e traços constitutivos sobre a questão da colonialidade e da anticolonialidade angolana. Verifica-se, portanto, que o tempo passado, fragmentado, porém vivo, tão importante nas discussões do presente, também é restaurado e modificado a partir de leituras e reflexões.

Propositamente ou não, os discursos de alguns personagens da narrativa, dentre eles Quinito e Saiundo, que por diversas vezes assumem a

posição de narradores personagens, refletem um ato político. As passagens abaixo são ilustrativas para que se possam ampliar as discussões nesse campo:

[...] a minha vida durante esses vinte e tal anos foi o rio correndo, saltando, descendo montanhas, se espalhando nos vales, o rio rindo de si, da sua vida errante, do seu andar vagueante, o rio riando farto, caudaloso, riomando, às vezes se apoucando nas suas miudezas, um fiozinho riando, riachando, o quase nonada, a se anular no seu corpo frazino, assim, corregando, a minha vida não é o constante zigue-zaguear? Mas, meu amigo, agora te conto esse rio correndo que sou eu, essas águas que não se cansam de parar, esse sempre em movimento em que vivo. E vou te contar esse meu vaguear com as minhas palavras, pensadas por mim mesmo, cavadas no chão movediço da memória. Assim. (CARDOSO, 2012, p. 20-21)

[...] bom, Quinito, já estás no em caminho das palavras lavradas, no curso do teu travesso rio, em caminhando há mais de uma hora, acho que agora é hora também de eu versar o meu verso versejado em andanças de mim mesmo. Curiosamente, a minha vida foi assim também assim como a tua, uma vida de em andanças e navegações, de voltas e contra-voltas, um rio fluindo livremente, como tu dizes, riando por vales e montanhas, mas com uma grande diferença, as águas do meu rio corriam contra a corrente, assim, ao contrário, contra o sentido da vida?, não Quinito, no sentido do movimento, da mudança que pode ser o não ser, quer dizer, mudar até pode ser o não ser, como uma água que abandona sua correnteza e se preguiça na quietude, semelhando o não-ser dela, ou quando se toma o sentido contrário do que o normalmente é usado por todos, eu era assim a e em contracorrente, o movimento em sentido contrário, não por demagogia e teimosia mas para gerar energia, vida movimento no sentido da mudança, de modo que o meu caminhar foi assim, se quiseres, na em contramão. (CARDOSO, 2012, p. 103)

Metaforicamente, as personagens tomam a feição de um rio. Um rio de percursos, de meandros inesperados, de caminhos límpidos, de lugares íngremes, um rio que delineia momentos tranquilos, simétricos e suáveis, mas que, inesperadamente, parece violento, agitado e lutando contra a própria corrente. Muito similar ao universo angolano, um rio perene à natureza, cheio de silêncios e ocultações, mas, sobretudo, revelador de elementos identificadores da diversidade cultural angolana. Esse estado de similitude conduz o leitor a criar esforços em produzir uma reflexão filosófica e epistêmica sobre a condição angolana e a perceber que há várias perspectivas

e concepções sobre o poder que emana em diversos lugares, em variadas situações e em múltiplos contextos.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a criação de personagens complexos e, ao mesmo tempo dialéticos, como Quinito e Saiundo, abre espaço para que se discutam questões ligadas ao período pós-independência angolana, uma vez que as críticas, reflexões e posicionamentos dos personagens apontam para um período conflituoso que se instalou pós-constituição nacional. Mais interessante ainda é perceber como essa articulação discursiva, carregada de noções de poder, transforma-se, aos poucos, em uma ação política, como se a obra literária se transformasse também em uma dimensão política capaz de construir e desconstruir práticas sociais, exaltar ou repreender projetos políticos, expressar sonhos, desejos, opiniões, com o objetivo de reescrever a história, revolver o passado e, ainda, transformar o presente, ou pelo menos criar um redirecionamento.

Nessa discussão, *Noites de vigília* constitui-se numa escrita com fortes tendências à politização do leitor, pelo fato de propor um discurso que transmite uma mensagem e tenta moderar comportamentos, além de criar símbolos, imagens tão fortes e surpreendentes, capazes de despertar novas concepções e olhares sobre diversos temas surgidos pós-independência. Por isso, pode-se afirmar que a narrativa não se fecha ao término de sua leitura; o leitor é, a todo momento, sensibilizado e cada nova ação é, efetivamente, pincelada por partes da história angolana.

Eagleton (2003), em sua obra *Teoria de literatura: uma introdução*, tece também importantes reflexões sobre os possíveis enlaces entre literatura, política e poder social. Embora o teórico evidencie o contexto britânico e suas condições históricas, são significativas suas contribuições ao afirmar que “a literatura é uma ideologia” (EAGLETON, 2003, p. 30). O que leva a crer também que a literatura mantém laços íntimos com questões que beiram a política e o poder social. E que essas relações tornam-se envolvidas em ativismo político à medida que são escritas, postas em evidência, causando efeitos de protestos.

Há indicativos em *Noites de vigília* que mobilizam o leitor a perceber que, por traz das vozes do autor e dos personagens, surgem outras vozes ou pelo menos ecoam sons que perpassam o plano material das palavras e, inevitavelmente, parafraseiam a historicidade, a política e a cultura parcial de Angola. Por isso, em cada página que se lê, em cada capítulo que sucede, surgem discussões de diferentes horizontes, conduzindo o leitor a realizar inúmeras interpretações, a partir de diferentes contextos. O capítulo IV, por exemplo, intitulado “Aquele chão sofrido”, é constituído por descrições de um espaço geográfico marcado por cenas trágicas, transformando-se em paisagens que ficarão eternizadas nas memórias dos angolanos e servirão como

elementos de recordação, produzindo, ao longo dos anos, traços de destinos que têm muita relação com a própria fragmentação de um país assolado por guerras. Na voz de narrador-personagem, observe como Quinito descreve o bairro Rangel de forma comovente e, ao mesmo tempo, assustadora:

Como te disse, Saiundo, naquelas confusões de setenta quatro setenta cinco, quando os musseques foram transformados em campos de batalha por causa da violência dos taxistas e comerciantes brancos, os musseques eram para mim o musseque, um espaço único, nosso chão sofrido que era preciso defender da malvadez dos tugas reacionários, e então eu era e me sentia um combatente vagueante, não vadio, vagueante como Che Guevara, um homem de todas as terras, um caminhante de muitos caminhos, ora eu combatia no Rangel, ora no Kazenga, tinha até noites em que actuava em três musseques, como era possível? Eu comandava os meus rapazes que estavam espalhados e colocados ali onde fosse necessário, de modo que eu circulada num jipe militar e, camuflado no agir [...] que os brancos aparecessem para nos perturbar a nossa paz, então eu intervinha para restabelecer a ordem, [...]. (CARDOSO, 2012, p. 129)

Nesse aspecto, a narrativa toma feições de um projeto político, baseado não apenas nas motivações e anseios de seu autor, mas, também, na composição de cenas históricas que assumem expressões de uma época, registradas pela memória e que luta pela isenção do esquecimento e do recalque. Dessa forma, não há condições de se mudarem os acontecimentos do passado, entretanto os olhares sensíveis e as emoções agregadas a eles poderão ser redimensionados pelas circunstâncias influentes de um presente que a todo momento aciona o passado.

Analisando e criticando a construção e representação da identidade africana com ênfase em um discurso nativista e em um discurso instrumentalista da África e de seu povo, o teórico africano Mbembe (2001, p. 171), em seu artigo intitulado “As formas africanas de auto-inscrição”, alerta para os “perigos advindos da busca irrefletida de uma autoridade africana sem o devido reconhecimento das especificidades culturais, políticas e geográficas em África.” Mbembe (2001), ainda,

supõe que o atual destino do Continente não advém de escolhas livres e autônomas, mas do legado de uma história imposta aos africanos, marcada a ferro e fogo em sua carne através do estupro, da brutalidade e de todo o tipo de condicionantes econômicos. Considera-se que a dificuldade de o sujeito africano representar a si mesmo(a) como um sujeito de uma vontade livre, resulta desta longa história de subjugação. Isso leva a uma atitude ingênua e

acrítica diante das chamadas lutas pela libertação nacional e dos movimentos sociais; à ênfase na violência como melhor caminho para a autodeterminação; à fetichização do poder estatal; à desqualificação do modelo liberal de democracia; e ao sonho autoritário e populista de uma sociedade de massas. (MBEMBE, 2001, p. 176)

À luz das considerações de Mbembe (2001), Boaventura Cardoso, em *Noites de vigília*, não mede esforços para tentar construir um painel de cores, imagens e representações na busca de discursos e vozes que questionam e problematizam a perspectiva eurocêntrica dominante, propondo, inclusive, alternativas à leitura da história, a fim de que se possa construir e reconstruir novas histórias contextuais, enfraquecendo não apenas os discursos oficiais cuja violência física era evidenciada, mas, sobretudo, uma violência epistêmica sobre a qual pousou o paradigma da diferença e mais tarde o da inferioridade.

Assim, ao reviverem acontecimentos que marcaram o processo de independência de Angola e de guerra civil ocorridos no contexto pós-independência, os personagens Quinito e Saiundo propõem uma leitura da narrativa sob as veias de um processo de descentralização de narrativas eurocênicas, dominantes, e propõem condições de uma narrativa que ultrapasse as raízes coloniais, reconfigurando, em diversos momentos, o modo linear da história. Assim, aos poucos, os espaços e as lacunas não têm mais prioridades para o preenchimento numa perspectiva ocidental, mas sim, por uma cultura de autodeterminação e autoafirmação africanas, afinal “apenas as diversas (e muitas vezes interconectadas) práticas através das quais os africanos estilizam sua conduta podem dar conta da densidade da qual o presente africano é feito” (MBEMBE, 2001, p. 199).

Ao considerar esses aspectos, a narrativa em análise e seu autor entoam vozes de um discurso anticolonial, pelo fato de propor encontro de diversas perspectivas e concepções de política, cultura e de poder, coadunando para uma reflexão sobre os processos de conscientização, sem medir esforços na produção de discursos evidenciados da condição angolana. Em outras palavras, a narrativa aponta possibilidades de resistência e de superação dos excessos de uma literatura exótica muito descritiva da era colonial.

Abordando aspectos sobre nações, culturas e raças, Gilroy (2007) abre espaços para mostrar como a questão multicultural está entremeada nesses indicativos, levando em consideração o conceito de cultura, diferença, nacionalidade, poder e história, principalmente quando se tangenciam imagens do passado colonial e imperial. Embora reconheça críticas proferidas ao modelo multicultural, Gilroy (2007, p. 291) admite que: “o fator cultural é extremamente importante para se entender como outras categorias

funcionam, principalmente em países marcados pela ação pós-colonial, sem perder de vista o passado imperial, dominador”. Essas reflexões são importantes para se compreender o funcionamento de certas instâncias políticas e culturais do passado colonial e como elas delineiam traços no presente, mostrando que o passado, aparentemente longínquo, ainda persiste. Para reafirmar essa assertiva, o autor acrescenta que,

[...] para os críticos e outras almas corajosas, preparadas para navegar nas águas mais revoltas da política cultural contemporânea, aquela história imperial um tanto esquecida, ainda está presente e fora, embora permaneçam latente e invisível em grande parte, tal qual um grande rochedo debaixo da superfície do mar. Os vestígios da modernidade imperial – a sua memória social contestada – podem ser apreendidos somente de forma intermitente, mas podem ainda produzir um material volátil, mesmo se nos dias de hoje são ainda as diferenças culturais, em vez de franca inferioridade biológica desses povos (pós) coloniais, que criam alarme e definem a ameaça representada por eles à monocultura insegura. (GILROY, 2007, p. 291-292)

Essas considerações remetem a algumas reflexões que o personagem Saiundo faz a respeito da relação de poder e de política perenes aos mutilados, ao próprio movimento e às futuras tomadas de decisões na esfera governamental. Segundo o narrador-personagem, Saiundo afirma:

[...] E eram vocês que diziam que era preciso eliminar progressivamente a propriedade privada dos meios de produção e as relações de produção capitalistas para se acabar com a exploração do homem! Que cinismo! Qual foi o resultado dessa demagogia?! Hoje os grandes negócios deste país têm pela frente os antigos camaradas revolucionários, são eles quem, no fundo, têm nas mãos as rédeas da economia, são eles quem está sempre associado aos grandes roubos, aos grandes desvios de dinheiros do Estado para as suas contas bancárias no estrangeiro[...] Como vê, meu caro Quinito, de qualquer modo, tenho ou não tenho razão para ainda hoje continuar do lado da contracorrente, do lado do contrapoder para que o poder esteja do nosso lado, para que o poder olhe pelas nossas vidas? (CARDOSO, 2012, p. 122)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o passado não está totalmente superado, se é preciso reorganizá-lo, tomá-lo como escopo das preocupações do presente, as considerações do narrador-personagem de *Noites de vigília* transgridem os limites fictícios e

FERREIRA, Derneval Andrade; SANTOS, Adelino Pereira dos. *Noites de vigília: um romance contemporâneo entre a literatura e a história angolana*. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 144-159.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

agem como fontes transgressoras, extremamente marcantes, de processos contraditórios vivenciados pelas chamadas culturas e políticas emergentes, ainda em fase de reflexão e construção de uma constituição nacional e, sobretudo, de afirmação libertadora. Ficcionalmente, o personagem tece críticas ao sistema implantado em Angola; críticas essas que penetram e perpassam campos ocultados pelos escritos daqueles que contribuíram para as encenações da própria história angolana e, posteriormente, também servirão para que, mesmo de forma superficial, se faça uma avaliação das condições e formas em que se implantaram o suposto sistema libertacionário.

Saiundo leva a crer que a distopia, uma das características do período pós-independência, formou-se a partir de desilusões ocorridas posteriormente à ação libertadora. Por isso, a narrativa em análise neste trabalho apresenta elementos do passado que à luz de reflexões históricas e culturais passam a se constituir em fontes capazes de revisitar e repensar os antigos sonhos libertários do povo angolano. Se uma das exigências coloniais era a criação da alteridade, fazendo com que o suposto espaço vazio referente à cultura e à política fosse preenchido pelas formas ocidentais de pensar, supõe-se que a publicação de *Noites de vigília* tenha, dentre tantos outros propósitos, força suficiente em produzir um movimento centrífugo aos modelos eurocêntricos, uma vez que se detectam vozes que questionam e problematizam o modelo de governo instalado pós-nacionalidade de Angola.

A narrativa de *Noites de vigília* estende-se ainda como um testemunho de um lugar onde o passado ainda continua vivo e pulsante e, por isso, sua dimensão política não se esquivava em captar as cores, os desenhos e as imagens de uma sociedade dinâmica, mas que percebe o passado como um documento, um elemento discursivo, enriquecido de memórias, lembranças, dor, sensibilidade e inquietações, capazes de reconfigurar, se não todas, mas certas páginas da história angolana. Segundo Darnton (1990, p. 54), “o livro pode ser considerado uma força na história” e, ao que parece, Boaventura Cardoso também compactua com essa assertiva, visto que o escritor angolano transforma a história e/ou histórias em livros, o livro em uma ficção, e a sensibilidade estética, carregada de memórias e elementos culturais, incube-se de transformar em algo operante no curso da história.

Assim, *Noites de vigília* não é apenas uma narrativa de memória, de testemunho, de sofrimento e dor dos longos anos de histórias da guerra civil angolana, mas constitui-se também como um grito de alerta, revelando como as representações não só físicas quanto simbólicas foram importantes na reconstrução do ser angolano. Dessa forma, a narrativa com todas as suas

evocações estéticas tenta denunciar e criticar o sistema político implantado pós-independência e suas posteriores consequências travadas pela guerra civil, visto que os atos de denunciar e criticar se constituem em feitos heroicos em sua dimensão política, na incumbência de dilacerar os possíveis vínculos da resignação do povo angolano.

## REFERÊNCIAS

AGUALUSA, J. E. *A literatura angolana e a representação da guerra pela independência, da guerra civil e da violência urbana*. Disponível em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/58376-74835-1-PB.pdf. Acesso em: 22 set. 2013.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARDOSO, B. *Noites de vigília*. São Paulo: Terceira Margem, 2012.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*. mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, M. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Editora Ática: 1987.

\_\_\_\_\_. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989.

FONSECA, M. N. S. *Literaturas africanas de língua portuguesa percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.

GILROY, P. *Entre Campos: noções, cultura e o fascínio de raça*. Trad. Celia Maria Mirinho de Azevedo et ali. São Paulo: Annablume, 2007.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MBEMBE, A. “As formas africanas de auto-inscrição”. Estudos afro-asiáticos. [online]. 2001, vol.23, n.1, p. 171-209. ISSN 1678-4650. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2001000100007>. Acesso em: 22 nov. 2013.

FERREIRA, Derneval Andrade; SANTOS, Adelino Pereira dos. *Noites de vigília: um romance contemporâneo entre a literatura e a história angolana*. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 144-159.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

MENEZES, S. *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: Editora da USP: FAPESP, 2000.

SANTIAGO, S. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

DERNEVAL ANDRADE FERREIRA é doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2016). Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - 2007), possui graduação em Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas (UNEB- 2000). Atua como professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IF-BAIANO). Entre as publicações mais recentes, encontram-se *Olhares e vozes sobre a literatura contemporânea de Angola: leituras de Mayombe e Noites de vigília* (Rev. Palimpsesto, 2019) e *Imagens sobre o negro/Baldo em Jubiabá: reflexões em retrospectiva* (Rev. Afluente, 2019).

ADELINO PEREIRA DOS SANTOS é doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2010) e mestre em Letras e Linguística por essa mesma Universidade. Possui Graduação em Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Titular da UNEB, atua nos cursos de graduação em Letras Português/Inglês e no Mestrado Profissional em Letras. Entre as publicações mais recentes, encontram-se: *Atividades de produção de textos em livros didáticos do ensino médio: uma prática discursiva* (Rev. Fórum Linguístico, 2018) e *O conteúdo de língua portuguesa em questão: o embate entre dois discursos* (Rev. Pensar Acadêmico, 2017).